

PODE UM SOROPOSITIVO FALAR? CORAGEM DA VERDADE E O ESTIGMA NAS RELAÇÕES DE PESSOAS VIVENDO COM HIV

Joseeldo da Silva Júnior¹

Resumo: Este artigo intenta analisar os enunciados produzidos por pessoas vivendo com HIV/aids sob a noção de coragem da verdade em um *grupo* privativo no *WhatsApp*. Como se sabe, desde os primeiros tempos da epidemia de HIV/aids, os portadores do vírus ou doença carregam forte estigma em razão de sua condição, cuja consequência recaem nos modos de existência desses sujeitos, muitas vezes vivendo numa conjuntura constituída pela clandestinidade e anonimato. O medo da exposição é a regra, haja vista a incidência de certo pânico moral nessas relações sociais. Nas análises, empreendidas em um *corpus* constituído por cinco séries enunciativas, constatamos uma vontade de verdade produzida pelas pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA), contudo fulminada em razão do receio da rejeição e das investidas preconceituosas cujo desfecho recai no afastamento e sofrimento dela. Metodologicamente, a presente pesquisa se caracteriza por ser de cunho qualitativa com viés descritiva-interpretativa e toma como base teórica a arqueogenealogia de Michel Foucault.

Palavras-chave: *Parrhesia*. Discurso. HIV/Aids. Pessoas soropositivas.

CAN A HIV POSITIVE SPEAK? COURAGE OF THE TRUTH AND STIGMA IN THE RELATIONSHIPS OF PEOPLE LIVING WITH HIV

Abstract: This article intends to analyze the statements produced by people living with HIV/aids under the notion of courage of the truth in a private *group* on WhatsApp. As it is known, since the early days of the HIV/aids epidemic, carriers of the virus or disease carry a strong stigma due to their condition, the consequence of which falls on the ways of existence of these subjects, often living in a situation constituted by clandestinity and anonymity. Fear of exposure is the rule, given the incidence of a certain moral panic in these social relationships. In the analyses, carried out in a corpus consisting of five enunciative series, we found a will for truth produced by people living with HIV/AIDS (PLWHA), however fulminated by fear of rejection and prejudiced attacks whose outcome lies in distance and suffering her. Methodologically, this research is characterized by being of a qualitative nature with a descriptive-interpretive bias and takes as its theoretical basis the archeogenealogy of Michel Foucault.

Keywords: *Parrhesia*. Discourse. HIV/Aids. People HIV positive.

¹ Mestre em Linguística, (UFPB), E-mail: joseeldojr@gmail.com

INTRODUÇÃO

A epidemia de HIV e da aids completa 40 anos em 2021, desde o primeiro caso notificado nos Estados Unidos em 05 de junho de 1981. De lá para cá, embora tenha havido avanços sociais, quando se pensa o enfrentamento do estigma que a infecção e doença carregam, ainda permanece latente uma memória negativa associada aos sujeitos que vivem com o vírus, sobretudo os homens homossexuais, a quem historicamente tiveram atribuídos a responsabilidade da disseminação do vírus. Em face disso, o medo do estigma e discriminação, constituído ao longo de décadas pelas formas discursivas de como foi publicizada a doença², implicou silenciamento absurdo dos sujeitos soropositivos³, que, na maioria absoluta das vezes, produziu um apagamento de sua condição em razão da exclusão que a abertura do sigilo poderia vir a provocar em seu ciclo social.

Há uma interdição constante e quase invisível sobre o assunto, talvez o maior dos tabus na sociedade, a região onde a grande é mais cerrada (FOUCAULT, 2014), como se HIV/aids fossem palavras proibidas e condições a serem socioculturalmente isoladas. Trata-se de uma “ordem discursiva” que exclui o debate, e, por tabela, as pessoas soropositivas. Mesmo com maior acesso às informações, ainda persiste a ideia primitiva de que o portador do HIV/aids é um “monstro”, “sujo”, “impuro”, ideia esta que muitas vezes o próprio sujeito soropositivo absorve e replica. Impureza, consoante Douglas (1966, p. 06) “é uma ofensa contra a ordem”, logo eliminá-la não incorre em “nenhum gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente a organizar

nosso meio”. Isso explicaria o silenciamento promovido ao tema HIV/aids. Se o portador do vírus é impuro, interdita-lo, ainda que sutilmente, proporciona a organização social. Por outro lado, conforme ressalta Inácio (2016), a falsa impressão de “normalização” da doença provocou um apagão midiático, com consequência previsível na existência das pessoas que vivem com HIV/aids (PVHA), denominado pelo autor como restrição discursiva.

Não espanta, portanto, que a sociedade conviva com essa falsa impressão da inexistência de pessoas vivendo com HIV/aids. Silva, Duarte e Netto (2017) mostram que, diante disso, portadores do vírus passam a se situar em redes de sociabilidades com a finalidade de encontrar acolhimento e sentimento de pertencimento, a exemplo de grupos fechados nas redes sociais, nos quais os soropositivos para HIV/aids podem manifestar sua identidade sem medo de rejeição ou estigma. Pensando nisso, este artigo visa analisar enunciados produzidos em conversas de um *grupo* de WhatsApp destinado às pessoas soropositivas, calcados pela noção de coragem da verdade, a fim de verificar se há certas restrições discursivas produzidas pelos próprios sujeitos soropositivos. Consoante Borges, Silva e Melo (2017), a revelação do *status* sorológico passa por um processo dificultoso, dada as nuances sociais em que o HIV e a aids foram construídas. Para os autores, a depender da biografia dos sujeitos soropositivos, há obstáculos que resultam na constituição dos vínculos afetivos construídos pelas PVHA, ora ocasionando sua rejeição, ora sua aceitação.

A coragem de verdade, nessa esteira, insurge como uma categoria analítica que nos permite compreender as discursividades produzidas sob a vertente da análise discursiva foucaultiana. Conforme aponta Muchail (2004), a noção de *parresía* aparece, inicialmente, no curso de 1982, na obra *A hermenêutica do sujeito*, de forma ainda bastante

2 “Câncer gay” e “peste gay” foram alguns dos termos atribuídos a HIV/aids, estampando manchetes dos jornais impressos da época, e posteriormente fortalecendo o estigma aos homossexuais, vinculando a eles a responsabilização da transmissão do vírus (DANIEL E PARKER, 2018a; DANIEL, 2018b).

3

tímida. Posteriormente, afirma a autora, a noção é retomada nos últimos cursos, os de 1983 e 1984, no *Collège de France*, intitulado *A coragem da verdade*, no qual Foucault irá se debruçar sobre o tema. Trata-se de uma noção polissêmica, cuja tradução passa pela “fala franca”, “dizer verdadeiro” e “coragem da verdade”. A noção do discurso verdadeiro, a *parresía*, perfaz a perspectiva foucaultiana “em que o pensamento é exercício de si no próprio pensamento com efeito de transformação do ser mesmo do sujeito na dimensão da prática da vida, da conduta, do governo de si e dos outros” (PORTOCARRERO, 2017, p. 100).

A partir disso, trazer as micronarrativas discursivizadas pelas pessoas vivendo com HIV/aids fornece-nos fragmentos discursivos com vistas a identificação de uma “memória estigmatizante” (BUTTURI JUNIOR E LARA, 2018) ainda muito presente no cotidiano das PVHA, cujas manifestações subjetivas são marcadas pelo medo, em sua maioria, afinal, dado que o HIV e a aids provocaram e ainda provoca certo pânico moral. Assim, para análise empreendida, o *corpus* constituído consiste de uma série enunciativa montada a partir das discursividades elaboradas no *grupo* do WhatsApp, cujos elementos considerados foram: a) o aparecimento da concepção de rejeição nas falas; e b) materialidades que evidenciam relações sociais, sejam elas familiares ou amorosas. Por razões éticas e dada a “ordem discursiva” dominante, optamos por não tornar visível o nome do grupo, embora ele esteja público e disponível na *web* bem como aberto para quem por ele se interessar. O conteúdo retirado da página onde é feito a sua divulgação é, de igual modo, público e acessível a qualquer usuário. Vale frisar que os nomes das pessoas que vivem com HIV não são revelados, tendo em vista que a maioria das PVHA vive sua condição em segredo, embora não seja uma regra para todos. No entanto, até por força de lei, e ainda que não fosse, não nos caberia fazer de outro

modo, visto que nosso propósito é estritamente científico.

Pontuado esta breve consideração, metodologicamente, este estudo se caracteriza por ser de cunho qualitativo com viés descritivo-interpretativo, haja vista que as análises empreendidas são realizadas à luz dos fatos sociais. Quanto a estrutura textual, para além desta introdução, há a seguinte formação. Na primeira seção é focado a relação entre a arqueologia do saber e a ética estética da existência enquanto fases da arqueogenealogia, relação esta assinalada para tecer a discussão sobre a noção de enunciado e coragem da verdade. Na segunda seção, analisamos as séries enunciativas extraídas do *grupo* do WhatsApp a partir das teorizações anteriormente feitas. Na terceira e última seção, para efeito de fim, pontuamos breves considerações finais elencando os eixos temáticos que apareceram ao longo das análises.

NOTAS SOBRE ENUNCIADO E A CORAGEM DA VERDADE

Um dos exercícios da análise discursiva foucaultiana é a apreensão de dizeres a partir dos elementos teóricos-metodológicos do terceiro momento da arqueogenealogia⁴. É fato que Michel Foucault “nunca pretendeu elaborar um campo de estudos denominado como ‘análise do discurso’” (GREGOLIN, 2015, p. 191), tampouco dispor “de um método que se aplicaria, igualmente, a domínios diferentes” (NAVARRO, 2020, p. 13), no entanto, suas teorizações servem, como o próprio filósofo pontua, para serem deformadas a cada leitura

4 Convencionou-se entre os comentadores de Michel Foucault que o conjunto de toda sua obra é diagramada em três fases, quais sejam: a) arqueologia do saber, fase orientada pelo estudo dos saberes que constituem as ciências humanas; b) genealogia do poder, momento em que o filósofo passa a analisar as relações de saber-poder nas sociedades disciplinares; c) ética e estética da existência, também chamada de “último Foucault”, consiste na apreensão dos modos como o sujeito se subjetiva mediante relações de poder e o discurso verdadeiro.

(FOUCAULT, 2017), a cada gesto de interpretação – sem deturpações e sem exceder limites⁵ –, haja vista que seu “discurso é, evidentemente, um discurso de intelectual e, como tal, opera nas redes de poder em funcionamento” (FOUCAULT, 2006a, p. 52), e enquanto pequena caixa de ferramentas, há a compreensão de que:

Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006a, p.52).

Embora consistente, sobretudo quando se pensa os estudos com base na fase arqueológica, a análise discursiva foucaultiana ainda carece de profícuo enfrentamento da “região cinza da genealogia para escavar os saberes que ali nos atravessam” (NAVARRO, 2020, p. 10). Contudo, a tarefa de diagnosticar o presente (FOUCAULT, 1967) ou, ainda, saber *quem somos nós, hoje?* (FOUCAULT, 2006a) tem sido posto em prática nos trabalhos da análise do discurso com Foucault, pontuando “sua coerência teórica na definição das formas historicamente singulares nas quais têm sido problematizadas as generalidades de nossa relação com as coisas, com os outros e conosco” (FOUCAULT, 2008a, p. 351). Nosso empenho, neste instante, é, a partir da arqueogenealogia, promover a discussão de conceitos pertinentes de duas das três fases, quais sejam, a arqueologia do saber e ética e estética da existência.

Assim, iniciemos pela arqueologia do saber. No livro que leva o mesmo da primeira fase, “M. Foucault propõe que se questionem os estratos a serem isolados, as séries a serem instauradas, os critérios de periodização a adotar”

⁵ Sobre isso, Veiga-Neto e Rech (2014) defendem que não haja o uso das ideias de Michel Foucault a todo custo e que sirva de “pau para toda obra”, sem observar os limites e as condições teórico-metodológicas que pode ser feita da sua obra, apenas para satisfazer os desejos de um pesquisador.

(SARGENTINI, 2019, p. 35), argumentando que, nas grandes histórias, há outras escamoteadas, outros acontecimentos invisíveis (FOUCAULT, 2008b), e é a partir do(s) discurso(s) produzido(s), e somente assim, que é possível apreendê-los. É daí que advém um dos instrumentos metodológicos para análise sobre a qual Foucault problematiza, isto é, o próprio discurso, tendo como princípio balizador o enunciado, definido como uma função, haja vista que não se designa como uma frase, pois não obedece à estrutura canônica; diferencia-se de uma proposição, em razão de que não basta identificar uma lógica verdadeira ou falsa; e também não se caracteriza como atos de fala, por não se tratar simplesmente de atos ilocutórios, como um juramento, uma prece, contrato, promessa.

Por se tratar, portanto, de uma função, há elementos que o constituem e, numa certa medida, condicionam sua existência, quais sejam:

- a) *seu referencial*, tendo em vista que o enunciado é produzido em condições de emergências, ou seja, há possibilidades de aparecimento e de delimitação;
- b) *a posição sujeito*, definido pela capacidade de um indivíduo ocupar uma posição ao enunciar este ou aquele dizer, sendo que este “mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos” (FOUCAULT, 2010, p. 105);
- c) *um domínio associado*, elemento que condiz com o fato de não haver enunciado que não pertença a um campo adjacente, isto é, é povoado por outros enunciados, coexistindo e sempre reatualizando-se;
- d) *sua materialidade repetível*, cuja característica básica é efetividade, estar inscrito numa superfície, ter um suporte, uma data, um lugar, sem o qual não é possível falar, pois se ocupa da circulação que faz o enunciado existir, repetindo-se ao longo da história. Fato é que um mesmo enunciado permite leituras diversas, a depender da posição que o leitor ocupa e das condições que o faz emergir, provocando-nos a responder:

[...] como poderíamos justificar as possíveis e diferentes leituras de um mesmo enunciado? Como enunciados proferidos a respeito do mesmo assunto/tema, por sujeitos que usufruem das mesmas condições e lugares de fala, em rituais idênticos podem referir-se a realidades intocáveis e incompatíveis? Como enunciados praticamente semelhantes em sua forma, constituição sintática, em suas condições de produção e dispersão, revelam-se extremamente distintos em seu conteúdo? (SARGENTINI E CORSI, p. 184, 2021).

Ocupa-nos dizer que, dado as particularidades das formações discursivas constituídas nos acontecimentos discursivos, os enunciados são lidos desta ou daquela forma, a partir deste ou aquele viés, muito porque eles e os “sujeitos são históricos, respondem às leis de raridade, exterioridade e acúmulo” (SARGENTINI E CORSI, p. 185, 2021), princípios estes que perfazem as análises neles empreendidas, em poucas linhas assim compreendidas por Foucault: *a) princípio da raridade* – há regras e leis específicas que possibilitam determinado sujeito dizer e que condições de aparecimento deste ou daquele enunciado; *b) princípio da exterioridade* – trata-se de analisar os enunciados a partir do que foi dito em “frases que foram realmente pronunciadas ou escritas, a elementos significantes que foram traçados ou articulados” (FOUCAULT, 2010, p. 124) mediante os acontecimentos específicos que os produzem; *c) princípio do acúmulo* – segundo o qual o enunciado está conservado ao longo do tempo graças a um certo número de suporte (como o livro), um certo número de instituições (a exemplo da biblioteca) e um certo número de modalidades estatutárias (manifesta-se diferentemente em textos religiosos, documentos oficiais e artigos científicos).

Diante desse exposto a respeito do enunciado, concernente ao que consta na fase arqueológica, cumpre-nos, daqui em diante, esboçar a segunda discussão proposta, qual seja, a noção da coragem da verdade deflagrada no “último Foucault”, a fim de atender o exercício teórico-metodológico da arqueogenealogia. Trata-se de criar um nó em

uma rede, que une as três fases de seu pensamento, sem que haja a exclusão uma da outra em dado momento, visto que todas “se interpenetram e se remetem mutuamente, na medida em que acrescentam elementos e forças à complexidade da grande ‘rede’ foucaultiana, emergente do conjunto total de sua obra” (SILVEIRA, 2004, p. 03). Nessa mesma direção, Sousa (2019, p. 144) aponta que os deslocamentos operados por Foucault “não podem ser entendidos como uma ruptura que se dá entre a passagem de um método arqueológico para um genealógico”, mas sim “como uma ampliação do campo de investigação para analisar o saber no interior das relações de poder”. O seu objetivo, desde a arqueologia, e ainda predominante na ética e estética da existência, é “compreender os acontecimentos que levaram o indivíduo moderno a se constituir e se reconhecer como sujeito do que faz, pensa e diz” (SOUZA, 2019, p. 140).

Assim, a retomada de Foucault aos gregos para explicitar a noção de *parresía* é, conforme afirma Portocarrero (2017, p. 104), uma forma de historicizar as “modalidades de prática discursiva às quais se atribui valor de verdade e seus efeitos éticos e políticos, ou melhor, os modos de ser dos discursos de verdade” no sujeito com o objetivo de compreendê-lo, considerando “não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas de si” (FOUCAULT, 2006b, p. 95), mostrando “a interação que se produz entre os dois tipos de técnicas”, embora não seja uma regra, pois o método arqueogeneológico possibilita ao analista do discurso mediar seu próprio objeto e, com ele, as categorias analíticas que deseja empregar. De todo modo, neste estudo, a escolha da noção da *parresía* apresenta-se como uma noção singular para a compreensão do dizer-verdadeiro do sujeito soropositivo, seja ela “para a constituição” ou “para a transformação de si” (FOUCAULT, 2006b, p. 95), ou para simplesmente entender o presente.

Nesse diapasão, Foucault define que a *parresía* (2013, p. 09) é um exercício verbal “em que o falante tem uma relação específica com a verdade através da franqueza, uma certa relação com sua própria vida através do perigo”. O filósofo busca entender como o sujeito, ao manifestar a verdade, “representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 04), ou seja, ao expor a verdade o sujeito se subjetiva e promove a liberdade de si. A *parresía*, dado a sua vasta dimensão conceitual, cabe, neste momento, caracteriza-la nos seguintes moldes:

a) *pela negatividade e positividade* – o primeiro, pois há uma falsa impressão de que se pode dizer tudo sem distinção, naquilo que Foucault assemelha a “tagarelice”, o que decorre daí a sua negatividade, ante o perigo de falar aquilo que pode ser mais estúpido ou inapropriado para o convívio social; a positividade, por sua vez, reside no fato de que há uma “verdade verdadeira” naquilo que se diz, sem contornos ou maquiagem, com sinceridade até mesmo na opinião produzida; b) *pela relação da crença e verdade* – comparando a concepção da parrhesia grega com a noção da regra de evidência de Descartes, quando se observa a questão da coincidência entre a crença e verdade, na Grécia ocorria pela atividade verbal denominada de *parrhesia* enquanto que, no cartesianismo de Descartes, havia a insurgência da dúvida generalizada. Assim, para os gregos havia firmeza na posse da verdade, dado as suas particularidades morais, o que não ocorre no cartesianismo, pois há sempre a incerteza daquilo que se crê.

c) *pelo risco assumido* – nas palavras de Foucault (2013, p. 06), somente há *parresía* “e merece ser considerado como um *parrhesiastes* [parrhesiasta, no português] apenas se há para ele, ou ela, um risco ou um perigo em dizer a verdade”, cuja consequência, em última instância, é a morte. Não se trata de apenas falar a verdade, mas sim efeito que disso decorre, implicando diretamente na vida de quem

diz, no seu convívio ou relações sociais e políticas. Isso, no entanto, somente é produzida pela coragem, a próxima característica da *parresía*; d) *pela coragem* – não basta simplesmente vontade em querer dizer a verdade, é necessário coragem, diante do perigo e a consequência que pode acarretar. A coragem da verdade está intrinsecamente relacionada ao perigo da verdade, uma vez que, quem ousa dizer a verdade sob certa circunstância ou contexto, corre o risco de sofrer as penalidades do ato corajoso.

e) *pelo criticismo* – a ideia da *parresía* consiste no fato de que o que for dito seja capaz de causar um sentimento de aversão, contrariedade, um furor ao interlocutor, daí se tratar de um “jogo” daquele que fala com o que ouve, tendo como elemento a crítica. Trata-se, por outro lado, de uma relação assimétrica, pois “o falante ou confessor está numa posição de inferioridade com relação ao interlocutor” (FOUCAULT, 2013, p. 08);

f) *pelo dever* – isso significa que não deve haver coação no ato parrhesiástico, uma vez que cumpre a ele manifestar a verdade sem que seja compelido ou forçado a falar francamente, sem apego ou obrigação moral. Desse modo, a *parresía* caracteriza por uma expressão da liberdade.

Para definir o conceito de *parresía*, no entanto, não basta simplesmente caracterizá-la, é preciso se atentar as suas distinções. Primeira diferença, a parrhesia não é um ato de demonstração, portanto, não se pode dizer que *parresía* é o mesmo que retórica. Conforme explica Foucault (2010, p. 53) “a *parresía* se define fundamentalmente, essencialmente e primeiramente como o dizer-a-verdade, enquanto a retórica é uma maneira, uma arte ou uma técnica de dispor os elementos do discurso a fim de persuadir”, logo fica fácil dizer que falar a verdade não é simplesmente usar da persuasão para com o interlocutor. A segunda diferença, a *parresía* não equivale a um ato performativo, haja vista que neste sabe-se os efeitos da verdade verbalizada. O padre, ao declarar “vós declaro marido e mulher”,

sabe-se o sacerdote e casal do que irá acontecer, pois é previamente conhecido, diferentemente do que ocorre na *parresía*, na ocasião de um dizer-verdadeiro. Há, nesse caso, um risco assumido, cuja consequência é inesperada.

Estes dois aspectos são fundamentais para a compreensão da coragem da verdade, que a depender do que é dito, constitui-se como um acontecimento discursivo. Além disso, a coragem da verdade ocorre em dois níveis: a) “um primeiro nível que é do enunciado da própria verdade (nesse momento como no ato performativo diz-se a coisa, e ponto final)” e b) um segundo nível do ato parresiástico, “que é a afirmação de que essa verdade que nomeamos, nós a pensamos, nós a estimamos, nós a consideramos” (FOUCAULT, 2010, p. 62) como autenticamente verdadeira. Um ato de dizer-verdadeiro não está restrito a uma figura específica, como um político ou um professor, pelo contrário, basta que um indivíduo se muna de uma verdade e a liberdade que faz ecoá-la.

Frise-se ainda o fato que o exercício da *parrésia* afeta não somente o interlocutor, aquele que ouve o discurso verdadeiro, mas também pode afetar substancialmente o sujeito que diz a verdade, não com o risco que se submete, as consequências advindas disso, mas a sua postura em relação a si mesmo, resultado da manifestação parresiástica que Foucault denomina de “dramática do discurso”, cujo desenrolar “mostra como o próprio acontecimento da enunciação pode afetar o ser do enunciador” (FOUCAULT, 2010, p. 66). Para ilustrar com um exemplo, refletimos sobre a coragem da verdade de uma pessoa vivendo com HIV. Ao revelar a sua soropositividade para seu parceiro amoroso ou até mesmo para um membro da família, há um efeito que, se positivo, pode ser transformador à PVHA, na medida que a liberta das amarras do medo. A verdade que ela exprime não só impacta o seu interlocutor, pois se “aceita” ou

“bem vista”, proporciona ao sujeito soropositivo bem-estar de si mesmo.

A CORAGEM DA VERDADE OU O MEDO DA CORAGEM

Em que momento dizer a verdade se torna um exercício tão dificultoso que chega a ser angustiante – ou, em caso mais específicos de tortura, extremamente doloroso? Ou: qual o preço da verdade? Para muitos, o exercício parresiástico não é apenas um ato de expressão da liberdade, considerando-se uma rápida e apressada leitura disso, mas também um ato arriscado e corajoso de libertação. Liberação esta que, diferente de liberdade, passa por um processo de si para si, que envolve uma compreensão de vida e deferentes aspectos que a cercam. Nas histórias contadas no grupo de WhatsApp selecionado para análise, deparamo-nos com regularidades que vão do medo à angústia, cujo enredo é um só – a verdade.

Muitas das pessoas soropositivas que aderem ao grupo chegam nele após recente diagnóstico para HIV, geralmente tomadas pelo desespero e, ainda bastante recorrente, sem informação adequada sobre o vírus e a doença. Em alguns casos sequer sabem diferenciar HIV de aids, que se trata da doença em si, após evolução em razão da falta de tratamento. Na descrição do grupo no WhatsApp consta a seguinte mensagem: “O Grupo [...] é um local de acolhimento e aconselhamento. Não somos um grupo para promover relacionamentos”, pontuando que: “Para boa conduta do grupo falar sobre assuntos ligados ao tema HIV/Aids e por favor [sic] não publicar assuntos fora do contexto (correntes, publicidade e imagens aleatórias) ou política”, solicitando ademais que “Ao entrar por favor [sic] se apresente com nome, idade, cidade e tempo de sorologia”. Embora não esteja dito, não há nenhuma sinalização a respeito do sigilo dos demais participantes. Trata-se, portanto, de

uma regra implícita. No endereço eletrônico do site, onde é publicizado o link para o *grupo*, há uma publicação que explica sobre o surgimento desse canal de acolhimento.

Faz quase dois anos que eu tive essa ideia de criar o grupo. Por um bom tempo eu fiquei sozinho. Quando entrava um ou outro desesperado e sem chão eu acalmava e recém chegado com as informações principais sobre como é viver indetectável. Aos poucos fui ganhando confiança e o número de pessoas foi crescendo. Hoje a galera da antiga dá assistência aos novatos. O grupo cresceu e somos mais de cem, entre homens e mulheres. O mais legal é saber que *uma atitude simples ajudou e ajuda muitos positivos* a terem uma perspectiva de vida melhor e com mais informação para compartilhar com outras pessoas nas mesmas condições ou com seus familiares.

O autor, cujo nome não consta na publicação, explica o processo de isolamento que passou até a decisão de fundar o grupo, juntando-se a outros soropositivos para HIV, agora na condição de conselheiro. Há um nítido propósito de fazer da rede social um espaço de acolhimento a quem chega com dúvida ou psicologicamente abatido após o diagnóstico. Sublinhe-se o fato de que “a atitude simples ajudou muitos positivos” [sic], classificada como uma atitude “legal”, que contribui com a melhora de vida e propagação de informação, ponto de vista que coaduna com a análise de Daniel e Parker (2018a). Segundo os autores, “diante do preconceito e do medo, a informação e a solidariedade” apresentam-se como “resposta verdadeiramente eficiente ao avanço da AIDS” (DANIEL E PARKER, 2018a, p. 16).

Por outro lado, ao reconhecer a necessidade da criação do grupo, o autor vai ao encontro da urgência do debate acerca do vírus e da doença, dado o negacionismo tão latente nos dias atuais. De acordo com a *Pesquisa HIV/Aids 2020*⁶, 94% de 2.035 brasileiros entrevistados acreditam não ter

⁶ Resultado da pesquisa divulgada através do Portal R7 e site da UNAIDS, através dos links: <https://estudio.r7.com/sorofobia-e-diagnostico-tardio-barreiras-na-luta-contr-o-hiv-31072020> e <https://agenciaaids.com.br/noticia/pesquisa-sobre-hiv-aids-revela-que-falta-de-informacao-e-barreira-para-o-controle-da-epidemia>.

nenhum ou baixo risco de se infectar com o HIV, o que nos habilita a constatar o desconhecimento e desprezo em relação ao vírus. Ou seja, a ausência de informação promove um cenário de obscurantismo, que por sua vez, colabora para o sofrimento, dada a falta de esclarecimento a respeito do tema. Aliado a isso, o estigma aparece como potencial elemento que suscita este processo doloroso por qual passa o sujeito que vive com HIV/aids. Assim, temos que o estigma e a desinformação figuram como dois eixos que catalisam o sofrimento e o medo.

Para ilustrar esse entendimento, nessa mesma pesquisa, *HIV/Aids 2020*, 69% dos entrevistados afirmam que, se alguém relevar a sorologia para HIV, “ninguém vai querer ficar por perto”. Este número consoa com o dado revelado pela UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids), no *Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS* (2019), onde consta que 57% dos entrevistados informaram ter passado por uma má experiência ao “abrir” a sorologia para uma pessoa pouca conhecida. Ambos índices reforçam a imperatividade e a proposta da criação do *grupo* no WhatsApp, não só pela luz refletida à escuridão, mas sobretudo pela identificação com seus pares, estabelecimento de contato sem qualquer receio de discriminação ou estigma. No *grupo* remanescem narrativas que demonstram receio em dizer aos familiares, amigos ou parceiros amorosos sobre a condição que se encontram. No recorte a seguir, exemplificamos o primeiro cenário deste medo entre os sujeitos que vivem com HIV.

Enunciado 01:

PVHA I: Gente, uma pergunta. *Vocês acham que realmente seja necessário (importante) contar para os familiares?*

PVHA II: *De jeito nenhum.* A menos que confie muito, que tenham mente aberta. E que não te [sic] trazer problema.

PVHA III: Bem, eu acho que esta decisão depende de cada um de nós, todos sabemos como a nossa família lida conosco e nós com

eles. Se for uma família que estão [sic] sempre a brigar, existe quase sempre discórdia, onde as conversas saírem [sic] do ciclo familiar para outros lugares, o melhor é apenas contar a quem é muito mais achegado [sic] a nós e que temos a plena certeza que irá apoiar nós e não espalhar por aí. Preservar a nossa imagem também é importante e faz nós [sic] bem, não adianta contar para alguém que irá sujar ela.

PVHA II: O duro é achar uma família contrário disso aí rsrs

PVHA I: *emoji palmas*

PVHA IV: *Eu mesma não acho bom contar.*

PVHA V: *Eu não conto nunca, não vão entender, tenho certeza que jamais vão aceitar. (grifos nossos).*

O eixo central que norteia os dizeres no Enunciado 01 é a revelação da sorologia para a família, discussão iniciada a partir da curiosidade de um dos integrantes do grupo, qual seja: “Gente, uma pergunta. Vocês acham que realmente seja necessário (importante) contar para os familiares?”. Outros quatro integrantes do grupo, que passam a interagir após a indagação, afirmam incisivamente que não se deve falar da condição para nenhum familiar, embora em uma outra fala apareça uma ressalva, como vê-se no argumento da PVHA II: “De jeito nenhum. A menos que confie muito, que tenham mente aberta”. Nota-se que um dos pontos considerado pelo integrante é ter “a mente aberta”, ou seja, a capacidade de compreender a condição sem julgamento ou discriminação. Esta ideia coaduna com a mesma opinião da PVHA V, para quem considera que a família “nunca vai entender”, e por isso “jamais vão aceitar”. Nenhum dos sujeitos que vivem com HIV, neste enunciado, assume o risco do dizer-verdadeiro, a coragem que a verdade pode implicar, em “ser recompensado ou sancionado conforme o sucesso da empreitada, conforme seu dizer-a-verdade leve a este ou àquele resultado” (FOUCUALT, 2010, p. 176).

Nisso, tem-se que a confiança é um dos requisitos para o sucesso de expor a verdade,

embora recaia no problema: como mensurar o nível de confiança do outro? Daí que, nesta dramática do discurso, entre ser recompensado ou sancionado, opta o sujeito soropositivo por se silenciar, interditar sua própria verdade em benefício de si, não como uma alternativa prazerosa, mas como condição de existir sem a possibilidade do estigma, o que pode ser resumido na fala da PVHA IV: “Eu mesma não acho bom contar”, porque, como afirma a PVHA que discursivizada anteriormente, há o risco de “sujar” a própria imagem. Sujar este que, como metáfora para a degradação, pode ressoar num sujeito já obliterado pelo preconceito silencioso que o cerca e define seus modos de vida. Por outro lado, a coragem da verdade pode vir a resultar numa subjetivação positiva, quando o dizer-verdadeiro tem efeito libertador para este sujeito, conforme consta em uma das falas no Enunciado 02.

Enunciado 02:

PVHA I: *É horrível chegar em casa e fingir que tá tudo tranquilo. Eu já tô meio que me aceitando... Mas contar pra família... não dá... ainda mais quando você mais precisa de força e ajuda.*

PVHA II: *É muito difícil mesmo, mas será que não tem ninguém da sua família que você confie? É bom ter alguém do nosso lado que possamos conversar nesse momento. Sei que não é fácil, mas me senti tão aliviada depois que contei pra minha família, até pro meu tratamento foi melhor. Não preciso ficar escondendo meus remédios quando ela vem em casa.*

PVHA I: *Eu ainda preciso ter essa confiança. O medo de ser julgado é enorme. Teve um amigo que foi comigo pra eu confirmar, me deu muita força. Ele fez até exame também.*

PVHA II: *Sim, eu também tinha medo, mas acabei ficando doente, fiquei internada, aí resolvi contar tudo e foi bom, porque tive e tenho o apoio de todos, e olha que minha família é grande.*

Não muito diferente do que discorrem os outros sujeitos soropositivos no Enunciado 1, neste observa-se, mais uma vez, o receio de tornar público à família a sorologia, ainda que, nas palavras da PVHA I, seja “horrível chegar em casa e fingir que

tá tudo tranquilo”, afirmando que está aceitando o diagnóstico. Novamente, a confiança aparece como regularidade, coadunando o que também pensa os sujeitos do Enunciado 01. A abertura do sigilo para os membros da família, por outro lado, implica uma nova conjura, conforme aponta a PVHA II, pois, se antes escondia-se os remédios, passa, a partir da revelação, a ter liberdade no tratamento. Dizer a verdade, aí, resultou no exercício de uma certa ascendência (FOUCAULT, 2010), não de um sujeito sobre outro, mas enquanto sujeito de si para si. Mais ainda: a PVHA II demonstra, além de ter obtido a aceitação, também conquistado o apoio familiar, que, ao que parece, aproxima-se de um companheirismo, confidente, com quem “ter alguém do nosso lado que possamos conversar nesse momento” institui-se como um importante acolhimento.

A narrativa da PVHA II, no entanto, é única entre os demais membros, pois ainda persiste no geral a desconfiança que os impede de revelar a sorologia para os familiares. A esse respeito, Parker e Aggleton (2021) apontam que o núcleo familiar se constitui – historicamente falando – como um dos eixos em que se concentra discursividades marcadas pelo estigma, o que pode vir daí o receio em compartilhar o diagnóstico, sobretudo porque corre-se o risco de associar a pessoa que vive com HIV/aids à promiscuidade, homossexualidade e outros julgamentos morais. Muitas vezes ocorre que um sujeito, além de guardar o segredo da sorologia para HIV, também permanece em sigilo quanto a sua orientação sexual, dissimulando, portanto, sua dupla identidade.

Estando o HIV e a aids incrustadas na sexualidade do sujeito, não surpreende que haja maior esforço em proteger a sorologia, pois revelá-la incorre no risco de expor também seus desejos sexuais. O sujeito soropositivo, portanto, elabora um jogo de verdade “em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento (FOUCAULT,

2006b, p. 282), ou seja, ao proceder com esta verdade – ou medo da coragem – a PVHA situa-se em contexto sócio-histórico em que o HIA/aids se alicerça: de estigma e discriminação, memória bastante latente – e retomada como defesa – em ciclos familiares, laborais e até mesmo médico-hospitalares, conforme poderemos visualizar na terceira série enunciativa a seguir.

Enunciado 03:

PVHA I: Falando em médico, *como é pra vocês contar pra um médico de outra especialidade que vocês são soropositivos?* Tipo, eu estava na otorrinolaringologista e ela perguntou se eu fazia uso de algum medicamento diário, eu falei que sim, retrovirais [sic] e ela perguntou como eu contrai, mas tipo, que diferença faz essa informação?

PVHA II: *Você não precisa dizer.*

PVHA III: Quando me pergunta se faço uso de remédio contínuo, eu falo não.

PVHA IV: O certo seria falar, tem medicamentos que a gente não pode tomar com tarv.

A discussão, assim como visto no Enunciado 01, começa a partir de uma dúvida. A PVHA I traz ao grupo o que, para os membros, parece ser mais um contexto problemático em falar abertamente da sorologia – o consultório médico. A PVHA I questiona e em seguida problematiza sobre como ocorre, para as demais pessoas, “contar pra um médico de outra especialidade” a respeito de viver com o vírus HIV, trazendo uma situação por ela vivenciada, quando perguntada se tomava “algum medicamento”. Esta questão se dá, assim como nos enunciados anteriormente analisados, em razão do possível medo em ser alvo de estigma pela profissional de saúde. A outra especialidade, senão o infectologista, é motivo de desconfiança quando se pensa em dizer o *status* sorológico.

A ideia persiste no fato de que pode haver – como de fato houve no início da epidemia, conforme mostra Mott (1987) – discriminação

promovida pelo profissional de saúde. Expor essa verdade, portanto, incorre em assumir mais um risco, podendo causar aversão (FOUCAULT, 2013) ao profissional. E como sublinha a PVHA II, não há nenhuma obrigação legal do paciente revelar que toma tal medicamento ou que vive com o vírus HIV, pelo contrário, a legislação o garante o sigilo. Isso, no entanto, bem aponta a PVHA IV, há medicamentos que interagem com os antirretrovirais, daí que contar, falar a respeito, poderia auxiliar a PVHA em outro tratamento.

É verdade que, em algum momento, o risco de falar a verdade resulta na discriminação, sobretudo em profissionais de saúde que tem contato direto com o sangue, cuja aceção é de, ainda por desinformação e ignorância, a pessoa que vive com HIV tem um “sangue podre” (DANIEL, 2018b, p. 43), mal sabendo eles que, quando a PVHA chega à condição de indetectável, passa a ser, igualmente, intransmissível. Ou seja, dado a atuação medicamentosa, o vírus deixa de circular na corrente sanguínea o suficiente para evitar o contágio do vírus pelo sangue ou fluido expelido via sexual. Essa informação, contudo, muitas vezes fica restrita aos atendimentos especializados e os portadores do vírus.

É comum pessoas soropositivas, em tratamento dentário, ocultar a sorologia, exatamente por receio à reação do profissional. Tal desconfiança não é aleatória, pois, conforme aponta Muniz, Fonte e Santos (2019), em estudo sobre a incidência de preconceito durante consulta odontológica, 18 de 67 pessoas que vivem com HIV afirmam já ter vivenciado algum tipo de discriminação. Em outra pesquisa, nesse mesmo viés, Lelis, Soares e Garbin et. al. (2016) evidenciam a recusa de atendimento do profissional à PVHA. Diante disso, entende-se, portanto, o motivo pelo qual os membros do grupo no *WhatsApp* receiam informar que tomam medicamento antirretroviral, sobretudo porque o profissional da saúde faz uma

imediate relação entre este nome e o HIV, como se a existência do antirretroviral fosse unicamente para o tratamento contra a aids.

Para a PVHA, o dizer-a-verdade não requer simplesmente assumir o perigo e simplesmente “ter a coragem de afrontar os riscos dessa parresia” (FOUCAULT, 2011, p. 68), mas, talvez, de praticar e reconhecer em si mesmo que a verdade sobre sua condição sorológica pode resultar numa liberdade de si para o outro, como podemos acompanhar na narrativa contida no Enunciado 04.

Enunciado 04:

PVHA I: Eu passei angústia por 4 meses enquanto não contei p meu namorado. Depois sentamos e conversamos e tudo ficou bem. Ele aceitou de boa e nem cogitou em terminar. Já conversamos com meu médico na época, ele faz exames de 6 em 6 meses e temos vida normal. Já vai p quase 2 anos. Vivo em paz por ele saber. (grifos nossos).

Conforme lido, este sujeito soropositivo afirma viver em paz ao revelar a sorologia para o companheiro, contratando, portanto, com a ideia de liberdade ao assumir a verdade para si e para o outro. Ela, que durante 4 meses, esteve angustiado por omitir a verdade, assume o risco de sua “verdade verdadeira”. Aliás, a própria pessoa soropositiva deixa implícito que perder o companheiro foi um dos motivos de permanecer em silêncio durante um período. “*Ele aceitou de boa e nem cogitou em terminar*”, afirma, pontuando que não houve sequer a ideia de terminar o namoro, como uma possível consequência de expor a sorologia. O amor, a informação sobre a doença e o vírus podem ter sido fatores que possibilitou a aceitação.

Enunciado 05:

PVHA I: Bom, pessoal, vou dar minha opinião. Eu entendo que se a pessoa está fazendo o tratamento correta e responsável, faz os exames periódicos e possui carga viral indetectável (não transmite), a opção de contar ou não é toda dela. Eu não contei. Estou num relacionamento há 2 anos, estável e me cuido muito bem, nunca falho no meu tratamento e estou indetectável há mais de 10 anos. Por que eu haveria de contar uma coisa extremamente

íntima dessas? O que a PVHA⁷ está passando é normal. No começo passei por toda essa angústia. O medo da rejeição amplificado pelo medo do preconceito é muito forte. As únicas pessoas que sabem de mim são meus pais, minha ex-mulher (hoje uma das minhas melhores amigas), um grande amigo meu que é médico e uma ex-namorada que contei na época que descobri e me deixou justamente por conta do HIV. Cheguei a pensar que nunca mais me relacionaria com ninguém. Quando soube que a carga indetectável significa que não transmite, e mais, que podemos inclusive ter filhos, poxa, isso foi praticamente uma alforria. Hoje já não tenho medo de solidão, estar ou não sozinho depende exclusivamente de mim. (grifos nossos).

Noutra ponta, há quem prefira manter a verdade escamoteada do parceiro, argumentando que viver com HIV é muito íntimo, portanto, não há motivo para expor a não ser que seja para pessoas do núcleo familiar e outros mais próximos, como o amigo médico, a ex-esposa e uma ex-namorada, esta última, ao que parece, justifica o silêncio atual. Borges, Silva e Melo (2017, p. 669) apontam para uma posição sujeito definida como “fachada pessoal da soronegatividade” ao classificar discurso semelhante a opinião da PVHA I do Enunciado 05. Ou seja, a PVHA I vive duas posições sujeito, ora positivo para o amigo médico, aquele que dispõe do saber científico, ora negativo, para quem não ver a necessidade de contar por se tratar de uma questão íntima. No entanto, talvez a superação (“medo da rejeição”) que diz ter deixado para trás, há margem para dúvida ao, voltamos demarcar, em razão do episódio frustrante e negativo da rejeição da ex-namorada. A verdade da coragem parece ser ignorada em prol da harmonia do relacionamento amoroso. Contar, nesse caso, é uma possibilidade inexistente sob o argumento da privacidade.

Considerações finais

Ao longo da análise dos enunciados três eixos temáticos perfizeram as discussões provocadas no grupo do WhatsApp: o eixo familiar, o eixo médico

e o eixo amoroso. Este primeiro ponto suscitou um breve debate entre os sujeitos que vivem com HIV sobre expor a sorologia para os membros da família, prevalecendo entre os integrantes do grupo a posição de que a verdade não seria bem vista dado a rejeição ou não compreensão que os seus entes talvez não tivessem. De igual modo, ressoa a ideia de ocultar a informação do *status* sorológico para os médicos de outras especialidades que não sejam infectologistas. Assim também deve ser para os companheiros de relacionamento amoroso.

Como é visto há uma dualidade presente nessa vontade de verdade (FOUCAULT, 2014) destes sujeitos, ora tomam como positivo o dizer-verdadeiro, ora negativo, este último sempre uma constante. O medo, nessa esteira, aparece como uma regularidade discursiva nas séries enunciativas. É sempre o medo que motiva o silêncio. A coragem de verdade cede espaço para o medo da coragem, numa figura de linguagem que sobressai a rejeição como resposta à ação de expor a “verdade verdadeira”.

“Por que nos preocupamos com a verdade, aliás, mais do que conosco?”, pergunta Foucault (2006b, p. 280) em um certo momento, acrescentando ainda: “E por que somente cuidamos de nós mesmos através da preocupação com a verdade?” Contrastando Foucault, caberia em outras palavras: por que há também a preocupação com a mentira? Observando os enunciados analisados, para nós fica claro que a mentira, como oposição à verdade, é estabelecida para as pessoas que vivem com HIV como um escudo cuja proteção recai no receio da discriminação e estigma. Se há, por um lado, uma coragem de verdade em uns, em outros excede a coragem da mentira, como uma dissimulação da realidade, uma fachada pessoal em que a conveniência sobressai.

Dizer a verdade não se restringe a um ato impulsivo encapada por uma crença ideológica, mas pelo desejo de estar bem consigo e viver livre.

⁷ Nome de uma pessoa com hiv citada na conversa. Optamos por substituir por PVHA, assim como ocorre nas demais falas.

Como visto no Enunciado 02, uma das pessoas que vive com HIV diz que, após revelar para sua família, passou a conviver sem a necessidade de esconder os remédios e passou a ter apoio de todos os membros dela. É evidente que, numa sociedade ainda marcada por uma memória estigmatizante, compreensível que haja tanto receio em ser visto como um monstro a ser combatido.

Referências

- BORGES, R.; SILVA, M.; MELO, L. “Mas não tive coragem de contar” – a revelação da condição sorológica na experiência amorosa de pessoas que vivem com HIV. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 664-675, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017170311>.
- BUTTURI JUNIOR, A; LARA, C. de A. As narrativas de si e a produção da memória do hiv na campanha O cartaz HIV positivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 393-411, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180208-12217>.
- DANIEL, H.; PARKER, R. A terceira epidemia: o exercício da solidariedade. In: DANIEL, H.; PARKER, R. *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018a.
- DANIEL, H. Brasil: a falência dos modelos. In: DANIEL, H.; PARKER, R. *AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas*. Rio de Janeiro: ABIA, 2018b.
- DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1966.
- GREGOLIN, M. R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB. In: FLORES, G. G.; NECKEL, N. R. F.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, 2015, p. 191-213.
- FOUCAULT, M. Quem é você, professor Foucault? In: *Ditos e Escritos I (1954-1969)*. 1967. p. 601-620.
- FOUCAULT, M. Gerir os ilegalismos. In: FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault: entrevistas a Roger Pol-Droit*. São Paulo: Graal, 2006a. p. 41-52.
- FOUCAULT, M. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, M. *Coleção Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. p. 264-287.
- FOUCAULT, M. Sexualidade e solidão. In: FOUCAULT, M. *Coleção Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- FOUCAULT, M. O que são as luzes? In: FOUCAULT, M. *Coleção Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. p. 335-351.
- FOUCAULT, M. Retornar à História. In: FOUCAULT, M. *Coleção Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b. p. 281-295.
- FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros – Curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II – Curso no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, M. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a parrhesia. In: *Prometeus: filosofia em revista*, Brasília, n.6, v.13, edição especial. 2013.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. *Sobre a prisão*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 5 ed. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 2017.

INÁCIO, E. C. Carga zerada: HIV/AIDS, discurso, desgaste, cultura. *Revista Via Atlântica*, São Paulo, n. 29, p. 479-505, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i29.118885>.

LELIS, R. T.; SOARES, G. B.; GARBIN, A. J. I. et. al. Discriminação vivenciada por pessoas que vivem com HIV/AIDS nos serviços de saúde: um estudo qualitativo. *Revista Ciência Plural*, n. 3, v. 2, p. 17-29, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/10986>.

MUCHAIL, S. T. Prefácio: Cuidado de si e coragem da verdade. In: GROS, F. ARTIÈRES, P. [et al.] (Orgs.). *Foucault: a coragem da verdade*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MUNIZ, B. A. A.; FONTE, D. C. B.; SANTOS, S. C. Percepção do portador de HIV/AIDS sobre o cirurgião-dentista. *Revista Bioética*, Brasília, v. 27, n. 2, p. 289-296, Jun, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019272312>.

NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. *Moara*, Belém, v. 1, n. 57, p. 8-33, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>.

PARKER, R.; AGGLETON, P. *Estigma, discriminação e AIDS*. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinas de Aids - ABIA, 2021. Disponível em: <http://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2021/05/livro-digital-final-ESTIGMA-DISCRIMINA%C3%87%C3%83O-E-AIDS-pagina-espelhada-10052020.pdf>.

PORTOCARRERO, V. Notas marginais sobre sujeito e verdade, Parresía, discurso e técnicas de si no pensamento tardio de Michel Foucault. *Dois pontos*, Curitiba, v. 14, n. 1, p. 99-114, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/56541>.

SARGENTINI, V. M. O. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 34-47, 26 jun. 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48526>.

SARGENTINI, V. M.; CORSI, J. C. O enunciado à primeira vista: as (im)possibilidades de uma leitura da superfície dos discursos. *Moara*, Belém, v. 2, n. 57, p. 181-199, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9543>.

SILVA, L. A. V. da.; DUARTE, F. M.; NETTO, G. R. A. Sociabilidades “positivas” em rede: narrativas de jovens em torno do HIV/Aids e suas tensões cotidianas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, n. 2, p. 335-355, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000200009>.

SILVEIRA, F. de A. A noção de rede em Foucault. *Revista Unimontes Científica*, v. 6, n. 1, p. 01-19, 2004. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/2464>.

SOUSA, K. M. de. A genealogia e a ética foucaultianas nos estudos discursivos. *Revista Heterotópica*, v. 1, n. 1, p. 139-159, 26 jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48922>.

UNAIDS. Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS, 2019. Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2019/12/2019_12_06_Exec_sum_Stigma_Index-2.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

Submissão: julho de 2021.

Aceite: dezembro de 2021.